

TEMPO, MEMÓRIA E TRADIÇÃO ORAL

Marluce Lima de Moraes/UFPI¹
moraismarluce@gmail.com

Resumo: Compreendemos o presentismo, categoria eleita por François Hartog, como um ‘sinal do tempo’ que informa as mudanças de perceber e significar a memória, o patrimônio e conseqüentemente os rituais. Nesse sentido discutiremos como os rituais de cura, as procissões, peregrinações, benditos e incelências relacionam-se com o tempo presente e como os indivíduos que experienciam e significam essas marcas de uma religiosidade tradicional. Discutiremos a tradição a partir da percepção de senhores (as) rezantes do Piauí, homens e mulheres que guardam, vivenciam e repassam os saberes tradicionais. A utilização da metodologia da história oral informará a percepção dos ritos, seus sentidos e significados. Escolhemos rezadores de Teresina, Alto Longá e Parnaíba.

Palavras-chave: Memória. Tradição. Religiosidade

Introdução



Flores, terços, velas, castiçais, imagens de santos e santas compõem a altar arrumado e pronto para começar a rezar. O senhor Antônio “Pequeno”, como é conhecido, finaliza os preparativos para um terço que todos os anos, no dia 20 de setembro realiza em honra a Santa Cruz dos Milagres. Terço cantado em sua casa simples, no bairro Flor do Dia em Alto Longá-PI¹

Ele e sua família construíram uma tradição em torno de uma religiosidade devocional a santos e a santas, onde costumeiramente tiram e pagam promessas em celebração a Santo Reis e a São Gonçalo. O Sr. Antônio detém o ofício de rezar e benzer

contra vários maus que atingem o corpo como: mal olhado, espinhela caída, tira sol da cabeça, quebranto entre outras rezas passadas por sua família de geração em geração.

Neste texto buscamos analisar como as experiências de homens-memória como as do Sr. Antonio são significadas no tempo presente. Tempo marcado por acelerações onde as tradições religiosas populares são percebidas cada vez mais nos interiores das cidades, locais onde as pessoas se relacionam com mais proximidade, onde uma comunidade como a do bairro Flor do Dia em Alto Longá-PI, se assemelha a tantas outras no interior do nordeste, onde senhores e senhoras rezantes são procurados, conhecidos e reconhecidos como detentores de um ofício tradicional.

A análise seguirá por três caminhos na tentativa de elaborar um entendimento sobre a relação presente e passado, tradição e modernidade. Inicialmente discutiremos a noção de tempo, um tempo que informa um novo regime de historicidade, a luz das perspectivas de François Hartog e Marc Augè; em seguida apresentar o ritual das *incelências* e as perspectivas de análise da pesquisa² suas relações entre memória e experiência; por fim refletir sobre a categoria tradição oral e como esta informa o repassar de saberes e fazer de rezas, benditos e incelências.

Tempo

O tempo na oficina do historiador possui lugar de destaque, é matéria-prima e ferramenta para construir histórias de saberes e fazeres dos homens. Entendido de formas diferentes, encontramos o tempo substantivado em: supermodernidade, pós-modernidade, hipermodernidade e presentismo. Tais categorias explicitam formas de compreender as relações do homem no tempo presente.

Tempo carregado de ágoras, evidenciado por François Hartog, tempo de lugares e não-lugares³ como percebe Marc Auge informam escritas e perspectivas que indicam o tempo presente imerso em um novo regime de historicidade, uma nova relação dos homens com o tempo.

A categoria tempo segundo Hartog necessita de uma atenção do historiador “o tempo tornou-se tão habitual para o historiador, que ele o naturalizou ou instrumentalizou” (2006, p.262), a preocupação do autor evidencia a importância de voltar a atenção para o presente e suas transformações, refletir sobre como os homens tem relacionado e significado as experiências passado no seu presente.

Elegemos pensar o tempo presente na perspectiva de Hartog e Augè, percebendo esse novo regime de historicidade, essa nova expressão de relacionar-se com um presente como um “sinal dos tempos”(KENNEDY, 2007) um sintoma que possibilita pensar como esse novo regime informa uma mudança nas relações entre presente, passado e futuro.

Como se caracteriza esse presentismo, essa supermodernidade? Percebemos a duas categorias como complementares, a primeira evidencia um tempo onipresente, carregado de ágoras, saturado de palavras e imagens.

M. Augè percebe a supermodernidade como uma superabundância temporal, espacial e individual, esta aceleração do tempo cria a necessidade de dar sentido ao presente, “assaltado pelas imagens que difundem, de maneira superabundante, as instituições do comércio, dos transportes ou da venda, o passageiro dos não-lugares faz a experiência simultânea do presente perpetuo e do encontro de si” (1994, p.96).

Esse tempo onipresente muda a relação dos homens com o presente, informando a criação e recriação de ações, hábitos que modificam as percepções e feitura de rituais, celebrações e tradições. Em relação à morte, nosso caso de análise específico Norbet Elias avalia:

A convenção social fornece as pessoas umas poucas expressões estereotipada ou formas padronizadas de comportamento que podem tornar mais fácil enfrentar as demandas emocionais de tal situação. Frases convencionais e rituais ainda estão em uso, porem mais pessoas do que antigamente se sentem constrangidas em usá-las, porque parecem superficiais e gastas. As formulas rituais da velha sociedade, que tornavam mais fácil enfrentar situações criticas como essa, soam caducas e pouco sinceras para muitos jovens; novos rituais que reflitam o padrão corrente dos sentimentos e comportamentos, que poderiam tornar a tarefa mais fácil, ainda não existem. (2001, p.32)

Tal perspectiva não define que as ações costumeiras (rituais de cura e de morte, por exemplo) realizadas no passado se findam no tempo presente, percebemos que o tempo passa diferentemente para os homens embora sejam contemporâneos. Compreendemos o homem imenso em temporalidades que se confrontam, significam e/ou ressignificam ações que dependeram das expectativas e percepções da sociedade frente ao seu tempo, seu presente, passado e futuro.

Elegemos a categoria *presentimo* por percebermos que as relações presentes estão cada vez mais efêmeras causando uma busca pela memória, pelas tradições como

indicativos do passado, sem atentar que muitas vezes esse passado encontra maneiras de se repassar subterraneamente expresso em ações, gestos... A permanência de rituais tradicionais se evidenciam por encontrar e criar espaços de sociabilidades nas comunidades, geralmente as mais afastadas dos grandes centros, que ligam as pessoas entre si e dão significado as tradições em suas vivências presentes e não apenas como símbolos de um passado. Tornam vivas as tradições, os saberes e fazeres tradicionais expressos em rezas, curas, benzeduras, promessas.

As Incelências

Encontrei Sr. Antônio em uma de minhas conversas com meu pai, nascido e crescido em Alto Longá- PI. Ele falou-me de um rezador que acompanhou meu avó no últimos momentos. Ao entrevista-lo, perguntei com quem aprendeu o ofício de reza Sr. Antonio me informou que sua mãe rezava e ela lhe ensinou a rezar de várias doenças:

Rezo de quebranto, mal olhado, dor de barriga, dor de dente, carne triada, carne triada é assim osso rindido, nervo torto, com os poder de Deus que sou furtuoso...osso rendido, nervo torto com os poder do furtuoso aqui mermo eu cozo, diz três vez ai agente reza, ai fica bom⁴

Sr. Antônio se assemelha a outros homens e mulheres rezantes do nordeste brasileiro, local onde encontramos uma marca de religiosidade devocional presente em rezas, benditos e incelências. Canções, orações, terços, novenas e rezas que fazem parte do cotidiano de diversas comunidades tradicionais imensas no nordeste brasileiro e particularmente no Piauí. Buscamos nas memórias desses senhores rezantes do Piauí narrar histórias de fé e devoção significadas como necessárias em suas vivências religiosas.

A proposta de compreender as *incelências*⁵ através das experiências constitui o fio condutor da pesquisa. Nos relatos, testemunhos e memórias onde percebemos a presença de um elemento diferenciador para a realização desse rito: a devoção. A proposta está em perceber como, a partir da ideia de devoção⁶, os sujeitos representam as práticas religiosas.

A devoção constitui o fio entre o *fazer* [a realização do ritual] e o *crer* [acreditar e significar] o rito como necessário, dois aspectos que auxiliam na compreensão entre a realização da prática e o que se percebe como religiosidade devocional.

O ritual pode ser descrito por dois elementos que se fazem recorrentes nas falas dos entrevistados - as cantadeiras de excelências que “puxam a reza” e os lamentos conhecidos por *incelências*⁷.

Conhecidas também por carpideiras, a imagem dessas mulheres foi consolidada ao longo do tempo como aquelas pessoas que desempenham um papel dentro do ritual de morte assim como fato de serem pagas para realizar tal ofício, Segundo João José Reis “A morte eram anunciada por carpideiras, com frequência especialistas contratadas para a ocasião” (1997, p.109). No entanto “No Brasil as carpideiras não parecem ter constituído uma ocupação remunerada como na Europa, ou pelo menos não era um costume generalizado.” (REIS, 1997, p.109)

Além dessa perspectiva existem os indivíduos que realizam práticas de cura como as rezadeiras e rezadores que também acompanham o momento da morte com as *incelências* e que o fazem por devoção, percebem a manifestação como uma última homenagem ao morto.

As *Incelências* são canções e orações em forma de lamentos que servem para celebrar o momento da passagem, Câmara Cascudo relata que as *incelências* se tratam de um “canto entoado a cabeça dos moribundos ou dos mortos, cerimonial de velório [...] cantam sem acompanhamento instrumental, em uníssono, em serie de doze versos ritualmente.” (2001, p.218-219) As letras seguem a forma de 7, 9 e 12 doze repetições, possuem a função de provocar o choro. A melodia dessas canções é unívoca, no entanto percebemos mudanças no *tom* dos lamentos, geralmente as letras se referem ao momento de separação,

Ai meu Deus essa alma vai pro céu
Um anjin é quem vai levando
De tudo ela vai se esquecendo
Só de Deus vai se lembrando
Só de Deus vai se lembrando
Vai recostada no andor
Do lado da mão direita
Nos pés de nosso senhor⁸

As canções ressaltam o momento de passagem e principalmente para que o morto faça a separação de um mundo pertencente anteriormente - o passado - e

seguindo a uma nova vida junto ao *senhor*. O ritual incorpora a função de reafirmar a fé e os laços da comunidade, confortar a dor e celebrar o momento da passagem.

A análise do ritual se pautará nos aspectos ligados a realização e motivação do ritual pela devoção das pessoas em fazê-lo. A busca está em perceber como ritual das Incelências informa as funções sociais que o rito estabelece ou significa para os sujeitos históricos que a vivenciam.

Tradição Oral

Diz o adágio malinês: “o que é que coloca uma coisa nas devidas condições (ou seja, arranja, a dispões favoravelmente)? A fala. O que é que estraga uma coisa? A fala. O que é que mantém uma coisa em seu estado? A fala” (VANSINA, 2010, p.173)

Percebemos que o ritual fúnebre das *incelências*, sua feitura e realização é repassado de geração em geração, os conhecedores de rezas e benzeduras geralmente conhecem os lamentos das incelências, que nos leva a crer que existem diferenciações nos senhores e senhoras rezantes. Nos apropriamos da denominação rezadores completos (ARAÚJO, 2010) que compreende indivíduos que rezam contra uma grande quantidade de maus (quebranto, mal olhado, vento virado) e detém outros saberes religiosos (feitura das incelências, procissões, tirar promessas)

A proposta em compreender a tradição religiosa das incelências não se encontra em fazer uma história do estabelecimento e ou da sobrevivência do rito, buscamos seus elementos constituintes e principalmente como esse ritual é representativo para os indivíduos e para a comunidade que partilha e acompanha a realização. Entendemos o conceito de tradição e as mudanças no costume desse rito a partir das reflexões de Eric Hobsbawm:

O objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas) pela repetição. O ‘costume’, nas sociedades tradicionais tem dupla função motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto,

embora evidentemente tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. (1997, p.10)

As tradições com o decorrer do tempo funcionam como um guia da manifestação religiosa, informando como e a partir de que elementos a manifestação se desenvolve, servindo como um fio que permeia o costume, este se diferencia, no sentido que possibilita o diálogo dentro do costume, se faz mediante a prática repetitiva sem necessariamente estar em uma rotina. O costume, segundo o autor, possibilita as mudanças e (re)significações da tradição sem deixá-la esvaziar na sua essência e função.

As Incelências constituem uma tradição de velar e celebrar a morte, mas seu costume não é praticado de forma fixa, as canções variam de acordo com o devoto-defunto e as devoções dos “puxadores de reza”. Exercem assim um diálogo da tradição com as necessidades e particularidades de cada manifestação.

Na perspectiva que essa tradição é repassada de geração em geração percebemos a presença marcante da transmissão oral e a ligação do homem com a palavra

O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra (VANSINA, 2010, p.168)

Os relatos orais desses senhores e senhoras rezantes possibilita entender como eles significam seu passado, seu presente e seu futuro. As marcas da oralidade informam os elementos do ritual e as significações coletivas e individuais sobre o ritual das incelências e sobre a relação do indivíduo com as potências divinas.

Segundo J. Vansina (2010) ao estudar sociedades orais africanas percebe que a tradição oral abrange o entendimento e conhecimento humano, liga o homem ao seu espaço, seu papel e seu universo. O saber presente na tradição oral é repassado a medida em que as situações são apresentadas na vivência, como percebe o autor:

O ensinamento não é sistemático, mas ligado às circunstância da vida. Este modo de proceder pode parecer caótico, mas, em verdade, é prático e muito vivo. A lição dada na ocasião de certo acontecimento ou experiência fica profundamente gravada na memória da criança (2010, p.183)

Analisando a perspectiva do autor podemos fazer um parâmetro com as experiências do Sr. Antonio Pequeno, em suas memórias faz referência aos ensinamentos da mãe rezadeira, que nos indica que sua infância esteve permeada por elementos tradicionais vinculados a religiosidade devocional. Aprendizado falado, escutado e aprendido através da acontecimento.

O caráter do oral evidencia que a tradição não é repassada e aprendida criteriosamente palavra por palavra e sim evidencia da por ações que marcam e informam o cotidiano e os papéis sociais na comunidade. O repassar permite variações na feitura mas mantém o sentido. J. Vansina nos auxilia nessa percepção ao avaliar que

A tradição oral, tomada no seu todo, não se resume à transmissão de narrativas ou de determinados conhecimentos. Ela é *geradora e formadora de um tipo particular de homem*. Pode-se afirmar que existe a civilização dos ferreiros, a civilização dos tecelões, a civilização dos pastores, etc.(2010, p.189)

Buscamos esse homem particular, que significa a fé e devoção de encontro a experiências passadas, vivências que nos informam as escolhas e atitudes de homens comuns que significam suas vidas de acordo com o saber repassado e que o resignificam na sua relação com a comunidades e com seu tempo presente.

Conclusão

Nestas linhas apresentamos algumas reflexões preliminares sobre o tempo e a tradição. Refletir sobre como pensar essas categorias e como elas podem informar as experiências dos indivíduos e de comunidades que partilham uma mesma experiência.

A proposta de pensar a tradição e o tempo evidencia a preocupação dos senhores e senhoras rezantes com o repassar do saber que eles detêm, por muitas vezes evidenciada a “falta de interesse” por parte dos jovens em aprender. Da mesma forma que eles percebem a falta de interesse evidenciam o destaque de uma ou outra pessoa que se interessa, mesmo que timidamente, em acompanhar e ver a realização das celebrações religiosas, ações que evidenciam a esperança desses indivíduos que detêm o ofício de que ele não se finda com sua existência.

Referências

ARAÚJO, Pedrina Nunes. Senhoras da fé: história de vida das rezadeiras do norte do Piauí [1950-2010]. Teresina: 2011 (dissertação de mestrado)

AUGÈ, Marc. *Não-Lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 1994

BÁ HAMPATÉ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.) História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010.

BAPTISTA, A. M. H.; PEREIRA, G. R. Tempo-memória: algumas reflexões. Integração, ano XIII, n.51, 2007.

CASCUDO, Luis Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10 ed. São Paulo: Global, 2001

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luis Felipe de. (org). História da vida privada no Brasil: Império. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

HOBBSAWM, Eric. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ELIAS, N. “A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer”: Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2001

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônio. Horizontes Antropológicos: Porto Alegre, ano 11, 2005 .

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. Varia História: Belo Horizonte, v. 22, 2006.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). A invenção das Tradições: Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997

KENNEDY, João. Os sinais dos tempos: hipertextualidade e crítica da civilização na poesia de H. Dobal. Teresina: Halley, 2007

PINHEIRO, Áurea da Paz; PELEGRINI, Sandra C. A. Tempo, Memória e Patrimônio Cultural. Teresina: EDUFPI, 2010. 200p.
UNESCO, 2010.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. Devoção Negra: santos pretos e catequese no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008

VANSINA, Jan. A Tradição Oral e sua Metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.) História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2 ed. Brasília:UNESCO, 2010

Entrevista realizada por Marluce Lima de Moraes e Maria do Amparo Moura Alencar, com Senhor Antonio, em julho de 2010 em Alto Longá -PI

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Membro do grupo de pesquisa CNPq “Ensino, Memória e Patrimônio Cultural” liderado pela Prof. Dr. Áurea da Paz Pinheiro.

¹ Município localizado a 80 km da capital do Piauí, Teresina. Pertence a migro região de Campo Maior-Piauí

² “As incelências e os rituais de morte no Piauí”, projeto desenvolvido no mestrado em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí sob orientação da Prof. Dr. Áurea da Paz Pinheiro.

³ M. Augè divide as relação dos homens com o espaço em lugares e não lugares. Um lugar pode ser definido como identitário, relacional e histórico, percebendo que um espaço que não se define assim é um não-lugar definido como espaços de transição ou espaços onde tomamos emprestado e usamos de maneira pré-determinada, seja proibitivo (proibido fumar), informativo... os não-lugares onde transita o efêmero, o provisório permeado por uma relação de solidão e individualidade.

⁴ Entrevista com Senhor Antonio Pequeno, concedida a Marluce Lima de Moraes e Maria do Amparo Moura Alencar, em julho de 2010.

⁵ As incelências são canções e orações entoadas por pessoas que puxam a reza e detém o saber das orações. Geralmente são cantadas ao pé ou a cabeça do morto.

⁶ A devoção pode ser entendida em um sentido amplo como sendo uma materialização do culto aos santos e como um elemento passível de construção e identificação de representações ou grupos sociais, “[...] já que cada grupo, ao se estruturar para o culto, nele imprime a sua marca e o faz veículo de suas questões particulares” ver: Oliveira, Anderson José Machado de. Devoção Negra: santos pretos e catequese no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008 p.252.

⁷ Também conhecidas por Excelências ou Incelências

⁸ Entrevista com Seu Antonio “Pequeno”, concedido a Marluce Lima de Moraes e Maria do Amparo Moura Alencar, em julho, 2010. Seu Antonio, das pessoas que entrevistei é quem conhece um bom numero de festas religiosas e as realiza assim como também possui o ofício de rezador. Morador da Cidade de Alto Longá foi ele quem possibilitou o registro de algumas canções e lamentos das Incelências, ele por conhecer o costume é quem “puxa as rezas” durante um velório.